

O Globo, 02 de abril de 2020

## **De confecções a calçadistas, empresas adaptam fábricas para produzir de máscaras a ventiladores**

*Iniciativa é também uma estratégia para gerar receita em meio à crise do coronavírus*

Por: Glauce Cavalcanti, João Sorima Neto e Mariana Barbosa

Diferentes setores da indústria vêm se adaptando em um esforço de economia de guerra em meio à pandemia do novo coronavírus. As empresas estão ajustando suas linhas de produção numa corrida contra o tempo para atender a novas demandas que vieram com a crise: máscaras de proteção, álcool gel, ventiladores pulmonares. Além de ajudar a enfrentar a pandemia, a mudança é uma oportunidade de gerar receita e manter empregos em meio ao lockdown, sobretudo para pequenos empresários.

A crise atual, avalia Luiz Carlos Delorme Prado, professor do Instituto de Economia da UFRJ, traz o desafio de lidar com um cenário inédito porque há parada em oferta e demanda na indústria, sobretudo no que diz respeito à força de trabalho.

— A pandemia criou problemas dos dois lados, na oferta e na demanda. Ainda assim, é possível adaptar. Mas isso exige um grau de coordenação ampla com governo, empresas, universidades, sindicatos — pondera ele. — Na economia de guerra, os países com maior capacidade de conciliar esses vários setores para adaptar a indústria se saem melhor.

Numa pandemia, é preciso adaptar a indústria para produzir artigos e equipamentos para dar suporte aos profissionais de saúde que atuam no combate ao Covid-19. É solução clara apontada pelos especialistas, o que não significa que seja simples de ser adotada.

— Os setores essenciais, como alimentos, medicamentos e artigos para limpeza e saúde se mantêm. Ainda assim, vão enfrentar dificuldade com insumos e logística. Os demais terão de se adaptar para suprir novas

demandas e substituir importações — destaca João Paulo Alcântara, diretor da Firjan.

### 15 mil novos ventiladores

Pouco mais de uma semana atrás, o Ministério da Saúde abriu chamado emergencial para adquirir 15 mil novos ventiladores, mas a indústria nacional, que em 2019 produziu 2,5 mil respiradores e ventiladores ao todo, está sem estoque. A previsão é retomar entregas em 15 dias, mas isso vai depender de um esforço coordenado para ampliar a produção de componentes.

Enquanto os novos aparelhos não chegam ao mercado, a indústria automobilística vai coordenar uma força tarefa para consertar respiradores quebrados. Há ao menos 3,6 mil encostados em almoxarifados de hospitais e repartições públicas.

A assistência técnica será coordenada pela General Motors e envolve outras montadoras, como a Mercedes-Benz, indústrias de autopeças, Ministério da Economia, Senai e a Associação Brasileira de Engenharia Clínica (Abeclin).

O esforço dessa indústria acontece em um momento em que mais de 100 mil trabalhadores foram colocados em licença ou férias coletivas só no Brasil. De 65 fábricas do setor automotivo, 37 estão paradas.

### Simplificar para produzir em escala

A Embraer inicia esta semana a produção de peças para fabricantes de respiradores, numa tentativa de eliminar gargalos e ampliar a capacidade de produção. A ação envolve a cadeia de fornecedores da companhia e prevê ainda a substituição de componentes importados.

Os engenheiros do centro de pesquisa da Embraer estão trabalhando para desenvolver projeto de um respirador “simples, robusto e portátil” que possa ser produzido em larga escala.

Os pesquisadores do Programa de Engenharia Biomédica da Coppe/UFRJ estão mergulhados nesta mesma missão. Os testes com o protótipo devem

começar esta semana. Em paralelo, o núcleo monta faz contato com uma rede de empresas que possam iniciar a produção.

— A Petrobras vem ajudando no desenvolvimento do modelo experimental, com participação de engenheiros de seu centro de pesquisas. A Whirlpool (dona das marcas Brastemp e Consul) tem acompanhado o desenvolvimento e teste de peças e prestado ajuda no contato e seleção de fornecedores — diz o professor Jurandir Nadal, chefe do Laboratório de Engenharia Pulmonar e Cardiovascular da Coppe, destacando que o projeto tem apoio financeiro de empresas privadas e organismos públicos.

Outro frente em que a Embraer está atuando é na disponibilização de tecnologia para transformar leitos comuns de hospitais em leitos de UTI, numa parceria com o hospital Albert Einstein, em São Paulo. Filtros com alta capacidade de absorção de partículas, já utilizados nos sistemas de ar condicionado de aviões, serão utilizados nos sistemas de exaustão dos quartos.

— As análises de soluções inovadoras e o potencial de outras ações que estão sendo apresentadas pelo mercado podem contribuir para a identificação de novas frentes de atuação para que a Embraer possa aplicar seu conhecimento nesse momento em que precisamos de resultados efetivos e de curto prazo — afirma o presidente da companhia Francisco Gomes Neto.

### Máscaras de proteção e jalecos

A Alpargatas, dona das marcas Havaianas, Osklen e Mizuno, começa esta semana a fabricar artigos para profissionais de saúde, sendo máscaras de proteção facial e jalecos já a partir desta semana; calçados, a partir da outra semana.

A companhia vai utilizar inicialmente duas fábricas satélites, nos municípios de Ingá e Serra Redonda, na Paraíba. Terá capacidade para produzir até 1.500 máscaras por dia.

— Mas podemos ampliar. Já avaliamos outros itens, como lençóis para hospitais. É produção em rede. Recebemos os elásticos que serão utilizados nas máscaras da Global Fit, que é nossa fornecedora — diz Roberto Funari,

presidente da Alpargatas. — A demanda é alta. Estamos trabalhando em conjunto com órgãos do governo, universidades, Anvisa e outros. Se fizermos de maneira responsável, atingiremos o que é preciso. As empresas têm de participar — frisa ele.

Também a Riachuelo, uma das maiores varejistas do país, anunciou que irá produzir máscaras, toucas e jalecos para hospitais. Serão ao todo mais de 40 mil itens, produzidos em parceria com as têxteis Vicunha, Cotemisa e Berry, que vão fornecer o tecido.

Os itens serão doados, mas a produção será feita em colaboração com oficinas que já prestam serviço à Riachuelo, gerando renda aos microempreendedores durante a crise.

O grupo calçadista gaúcho Arezzo integra esforço que reúne fornecedores de tecidos, fábricas e a Secretaria de Saúde estadual do Rio Grande do Sul para produzir 25 mil máscaras de proteção facial.

A modelagem foi feita por técnicos da Secretaria de Saúde do município de Campo Bom. As máscaras serão feitas utilizando maquinário cedido por 12 fábricas para um grupo de voluntários. Enquanto um fornecedor de embalagens cuidará de empacotar cada cem unidades. Serão distribuídas no município e no estado.

#### Pedidos de Argentina, Uruguai e Chile

Com pouco mais de 20 funcionários, a carioca Hightech, de comunicação visual, foi contatada há pouco mais de uma semana pelo Sindicato da Indústria de Material Plástico do estado do Rio (Simperj). Era para saber se a empresa poderia produzir protetores faciais para profissionais de saúde. O diretor Paulo Ramos Jr. topou o desafio. Na última sexta, já tinha um produto certificado e 20 mil unidades entregues.

— No domingo, eu e outros dois colegas fomos para a empresa desenvolver o protótipo para fazer as máscaras. Na quarta, tivemos a aprovação do produto. Na sexta, chegamos a 20 mil entregues. Já temos pedidos chegando até de fora, de Argentina, Uruguai e Chile — conta Ramos Jr.

A Hightech está entre a rede de empresas contatadas pelo Simperj e a Firjan para ampliar a produção de protetores para a rede de saúde fluminense. A PlastLab, de produtos hospitalares, vai fazer perto de 5 mil máscaras por dia, enquanto a PSA, montadora de Porto Real, vai produzir componentes para a montagem de protetores.

Para a Hightech, a comercialização dos itens vai melhorar também a saúde da empresa:

— Já tivemos mais de 200 funcionários. É um desafio enfrentar a crise fiscal no Rio. De cada dez protetores vendidos, um será doado. Nós vamos conseguir pagar o restante do 13º de nossa equipe e melhorar acesso a crédito — conta o empresário.

João Paulo Alcântara, diretor da Firjan, ressalta que é importante identificar elos que podem levar à frente a produção e, na medida do possível, casar as iniciativas com geração de renda.

— Estamos avaliando a produção de máscaras pelo polo têxtil de moda íntima de Nova Friburgo. Há conversas com o setor e a Prefeitura, que impede as confecções de funcionarem neste momento, além de técnicos — diz ele.

'Produzir o que tem demanda'

Na Serra, a iniciativa partiu do empresário André Montechiari, à frente da distribuidora de tecidos Multitex. Após não conseguir comprar álcool gel ou máscaras faciais para seus funcionários, decidiu iniciar a produção de máscaras para barreira física em tecido, diferentes das utilizadas pelos profissionais de saúde.

— As confecções estão impedidas de abrir. Mas mesmo que pudessem, não poderiam voltar a produzir moda íntima porque não existe demanda. As grandes varejistas cancelaram seus pedidos. Temos de produzir o que tem demanda, como máscaras para profissionais de saúde e as de barreira física, para quando a quarentena for sendo aliviada — diz ele.

A ideia é utilizar as fiações, que são costureiras independentes que também atuam no setor e tiveram suas receitas reduzidas a zero com a crise. Em paralelo, será preciso adaptar as confecções para poderem atuar no

segmento. A carioca Limppano, de produtos de limpeza, já se comprometeu em fornecer o TNT (tecido não tecido) para as máscaras a serem usadas no meio médico.

O setor têxtil, que trabalha com uma ociosidade da ordem de 80%, também está se mobilizando para confeccionar máscaras para a proteção da população, evitando assim a falta de máscaras cirúrgicas descartáveis usadas em hospitais.

— São máscaras para serem usadas fora do ambiente hospitalar, para proteger de um espirro, por exemplo. Elas são feitas de tricoline, um tecido com fios finos que ajudam a conter poeira e partículas — disse Fernando Pimentel, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit).

Em Gramado, a cervejaria Rasen Bier, que conta com 50 funcionários, viu a produção de cem mil litros de cerveja por mês bater a zero. Está parada há 15 dias. Como atende o setor de bares e restaurantes, suas vendas cessaram.

#### Única fonte de receitas

A empresa está começando a produção de álcool gel, usando menos de 10% dos funcionários em quatro turnos de seis horas cada, podendo alcançando dez mil litros por dia. A produção vai suprir a demanda da rede de saúde e de segurança de Gramado e Canela, como doação. O restante será comercializado para manter os empregados da companhia, diz o diretor executivo Augusto Luz.

— A Rasen integra o grupo Lugano, de chocolates. Temos restaurantes, fábricas, dois parques. São 500 funcionários ao todo, a maior parte em licença remunerada pelos próximos 15 dias. A venda do álcool gel será a única fonte de receita para garantir esses empregos.

Já a BrazilH2, empresa paulistana que fabrica enxoval para hospitais e hotéis, por exemplo, está recuperando a produção em tecido especial de máscaras, gorros e propés (de proteção para calçados) para serem usados em hospitais e centros cirúrgicos.

— Fazíamos esses itens em tecido hospitalar há dez anos. Mas deixamos de fazer com o uso dos itens descartáveis, importados basicamente da China.

Então, reativamos essa produção. Temos capacidade para produzir cem mil unidades por mês, mas podemos chegar a 500 mil e já pensamos em exportar — conta a diretora Gislaine Toth.

Os itens em tecido, diz ela, custam até quatro vezes mais que os descartáveis, mas são reutilizáveis. Em hospitais, são até 30 lavagens. Gislaine destaca o impacto econômico:

— Tenho dividido minha produção com confecções que trabalham para a gente, para que elas não parem. Isso ajuda a gerar renda, girar a economia.

Até empresas de outro setores estão se mobilizando para produzir máscaras de tecido.

O Grupo Moura, de baterias de automóvel, desenvolveu um modelo à base de algodão e um filtro de lã. E contratou confecções no agreste pernambucano para produzir 100 mil máscaras que serão doadas para a população, contribuindo também com a manutenção de empregos na região durante o período de quarentena.

Ainda no front da prevenção, muitas indústrias viraram produtoras de álcool em gel, em um esforço coletivo para não deixar faltar uma das principais armas de prevenção à Covid-19. A mobilização envolve desde usinas de cana-de-açúcar que vão doar um milhão de litros de álcool a granel a empresas como AmBev, Natura e WEG.

Além de álcool em gel, a WEG vai produzir 500 respiradores mecânicos até o fim de maio. A tecnologia de produção foi cedida pela Leistung, fabricante argentina de respiradores cuja operação brasileira é vizinha à matriz da empresa, em Jaraguá do Sul (SC).

— A produção estará a disposição do governo brasileiro para alocação nos hospitais com maior demanda pelos equipamentos — diz Manfred Peter Johann, diretor da fabricante de motores elétricos.

A princípio, a fabricação dos respiradores mecânicos não deve impactar a linha de produção da empresa. As maiores adaptações, segundo Johann, estarão nas etapas finais de testes dos equipamentos, que vão demandar treinamento de mão de obra especializada.

Link original: <https://oglobo.globo.com/economia/de-confeccoes-calcadistas-empresas-adaptam-fabricas-para-produzir-de-mascaras-ventiladores-24346784>